



BENZEÇÕES, LIVRAMENTOS E CURAS: CULTURA, ESPIRITUALIDADE E CIÊNCIA

doi: [10.25247/paralellus.2025.v16n38.p047-071](https://doi.org/10.25247/paralellus.2025.v16n38.p047-071)

“EM NOME DO PAI, DO FILHO E DO ESPÍRITO SANTO”: RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE PRESENTES NA CULTURA POMERANA NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

“IN THE NAME OF THE FATHER, THE SON AND THE HOLY SPIRIT”:
RELIGIOSITY AND SPIRITUALITY PRESENT IN POMERANIAN CULTURE
IN THE STATE OF ESPÍRITO SANTO

“EN EL NOMBRE DEL PADRE, DEL HIJO Y DEL ESPÍRITU SANTO”:
RELIGIOSIDAD Y ESPIRITUALIDAD PRESENTES EN LA CULTURA
POMERANIA EN EL ESTADO DE ESPÍRITO SANTO

*Claudete Beise Ulrich**

*Fabiano Schmidt***

*Ana Carolina Paranhos Assunção****

* Doutora em Teologia com concentração em Educação e Religião (EST), estágio pós-doutoral em Educação (UFES) e História (UFSC). Graduada em Teologia, Pedagogia, História e Ciências das Religiões. Professora na graduação e pós-graduação. Coordenadora de grupo de pesquisa e da Licenciatura EAD. E-mail: claudetebeiseulrich@hotmail.com.

** Mestrando em Teologia (EST). Bacharel em Teologia (EST), Licenciado em Pedagogia (UNICV). Pós-graduado em Ministério Eclesiástico (EST) e Coordenação Pedagógica (UNICV). Integrante dos grupos de pesquisa "História do Cristianismo na América Latina" e "Lutero e Teologia da Reforma". Bolsista CAPES. E-mail: fabiano@estudante.adl.org.br.

*** Mestranda em Teologia (EST). Bacharel em Teologia (EST), pós-graduada em Ministério Eclesiástico (EST) e pós-graduanda em Ciências da Religião (FAVENI). Integrante dos grupos de pesquisa "História do Cristianismo na América Latina" e "Lutero e Teologia da Reforma". Bolsista CAPES. E-mail: ana@estudante.adl.org.br.



RESUMO

O presente artigo analisa a prática da benzeção (ação de benzer) entre os/as pomeranos/as no estado do Espírito Santo, destacando sua relação com a religiosidade e espiritualidade da comunidade. A investigação se justifica pela necessidade de registrar e valorizar essa tradição, que, apesar da influência da modernidade e da ciência, permanece como um elemento essencial da cultura local. A pesquisa, de caráter qualitativo, baseou-se em fontes bibliográficas e na análise de narrativas históricas. Os resultados evidenciam que a benzeção não se restringe a um ato religioso, mas representa um sistema de cuidados integrados ao cotidiano dos/as pomeranos/as, combinando fé, saúde e identidade cultural. Além disso, a prática se adapta e ressignifica no contexto contemporâneo, reafirmando sua importância para a memória e a coesão social da comunidade.

Palavras-chave: Benzeção; Religiosidade Popular; Cultura Pomerana; Identidade; Espiritualidade.

ABSTRACT

This article analyzes the practice of blessing among the Pomeranians in the state of Espírito Santo, highlighting its relationship with the community's religiosity and spirituality. The investigation is justified by the need to record and value this tradition, which, despite the influence of modernity and science, remains an essential element of the local culture. The research, of a qualitative nature, was based on bibliographic sources and the analysis of historical narratives. The results show that blessing is not restricted to a religious act, but represents a system of care integrated into the Pomeranians daily life, combining faith, health and cultural identity. In addition, the practice adapts and resignifies in the contemporary context, reaffirming its importance for the memory and social cohesion of the community.

Keywords: Blessing; Popular Religiosity; Pomeranian Culture; Identity; Spirituality.

RESUMEN

Este artículo analiza la práctica de la bendición entre los/las pomeranos/as en el estado de Espírito Santo, destacando su relación con la religiosidad y espiritualidad de la comunidad. La investigación se justifica por la necesidad de registrar y valorar esta tradición, que, a pesar de la influencia de la modernidad y la ciencia, sigue siendo un elemento esencial de la cultura local. La investigación, de carácter cualitativo, se basó en fuentes bibliográficas y en el análisis de narrativas históricas. Los resultados muestran que la bendición no se limita a un acto religioso, sino que representa un sistema de cuidados integrado en la vida cotidiana de los/as pomeranos/as, que combina fe, salud e identidad cultural. Además, la práctica se adapta y se ressignifica en el contexto contemporáneo, reafirmando su importancia para la memoria y la cohesión social de la comunidad.

Palabras clave: Bendición; Religiosidad popular; Cultura de Pomerania; Identidad; Espiritualidad.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Desde os primórdios até os tempos atuais, o ser humano está sempre em busca da cura por seus males e enfermidades, sejam estas “do corpo ou da alma”. Muitas questões sobre a percepção e a interpretação do mundo e da vida foram revistas e redefinidas, segundo o desenvolvimento da humanidade e da ciência.

O presente artigo justifica-se pela necessidade de conferir maior visibilidade ao contexto cultural da benzedura e sua relação com a religiosidade popular luterana, analisando seus benefícios para a vivência em comunidade. A investigação e o registro dessas narrativas históricas são fundamentais para a preservação dessa prática, assegurando a continuidade dessa experiência de fé e espiritualidade para as futuras gerações.

A metodologia de pesquisa baseou-se em fontes bibliográficas físicas e digitais, selecionadas a partir de critérios qualitativos. A coleta de dados, tanto primários quanto secundários, foi realizada durante o segundo semestre de 2024. Espera-se que esta pesquisa, ao seu término, apresente um panorama da história e das experiências religiosas, espirituais e teológicas dos pomeranos e pomeranas no estado do Espírito Santo, explorando a fundo sua relação com a benzeção (ação de benzer) e suas manifestações locais.

2 BENZEÇÃO COMO PARTE DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE DOS POVOS

Reflete-se sobre a importância da arte de benzer, como parte do patrimônio imaterial religioso de diferentes povos. A benzedura tem história e envolve elementos de religiosidade e espiritualidade. A prática da benzeção, muitas vezes, perseguida, subsiste e reúne conhecimentos ancestrais no uso de plantas medicinais e as mãos como elementos de acolhida da pessoa que se encontra enferma, do/a outro/a necessitada.

2.1 A BENZEÇÃO COMO PARTE DA ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE DOS POVOS

A espiritualidade desempenha um papel de suma importância para a compreensão da existência humana, como mencionado pelas narrativas mitológicas que descrevem a origem do mundo e da humanidade. Por outro lado, desde tempos imemoriais, o ser humano tem cultivado uma ligação estreita com o Sagrado, encontrando a resposta de suas indagações (CUNHA, 2018). De acordo com Gomes e Pereira

É difícil imaginar o momento inicial em que o ser humano sentiu a necessidade da comunicação com o Criador, estabelecendo o elo

entre o conhecimento e as forças pressentidas através da prece: a primeira oração do homem se perde na névoa dos tempos. (...). O ser criado, observando a natureza, experimentou o pensamento metafórico e intuiu a presença de uma força maior do que a realidade concretamente manifestada. Essa força – que se expressava através dos fenômenos da natureza – se fez sentir como causa e princípio do Cosmos. Por temê-la, o homem se dirigiu a ela, oferecendo objetos materiais para que, num sistema de troca, a ordem do mundo se mantivesse inalterada. Se o raio ou o trovão pareciam uma ameaça – um grito do Criador com o filho desobediente – fazia-se mister dirigir-se aos céus, em atitude súplice, gesticulando e usando a palavra, para abrandar a ira celeste (GOMES; PEREIRA, 1989, p. 19).

Ao longo da história, a humanidade tem buscado compreender a relação saúde-doença, atribuindo-a, muitas vezes, a causas divinas. Na antiguidade, a doença era vista como um castigo por transgressões, enquanto a saúde era considerada uma recompensa pela obediência aos deuses. Essa perspectiva influenciou a institucionalização da cura por meio de orações e da mediação da fé. Essa sabedoria ancestral evidencia a busca por respostas no sobrenatural para as angústias e sofrimentos, manifestando-se em práticas terapêuticas como benzimentos e o uso de plantas medicinais (SILVA, 2014).

Atualmente vivemos em um novo habitat, o mundo virtual, caracterizado pelo isolamento individual e pela ausência do toque humano, do contato físico essencial. Essa progressiva desumanização tem como consequência o adoecimento do indivíduo, refletindo-se em uma sociedade cada vez mais carente de cuidado e acolhimento (CALDAS; ALVES; MENEZES, 2016). Segundo Frankl

Quando me perguntam acerca das causas de sentimento de falta de sentido ou do vácuo existencial, costumo responder com a seguinte fórmula: ao contrário do animal, o homem não tem instintos que lhe dizem o que tem de fazer; e ao contrário do que acontecia em séculos passados, o homem de hoje já não conta com as tradições que lhe dizem o que deve fazer; assim, muitas vezes parece já não saber o que quer. Como consequência, acaba por empenhar-se em querer fazer o que os outros fazem – e o resultado é o conformismo, a massificação típica da sociedade atual (FRANKL, 2003, p. 12).

Enquanto a ciência avança em ritmo acelerado, suas descobertas tecnológicas nem sempre se traduzem em benefícios para todas as pessoas. Diante da complexidade do mundo moderno, muitos encontram na religião um refúgio para os males que os afligem, enquanto outros buscam na ciência soluções para os desafios da humanidade (CALDAS; ALVES; MENEZES, 2016).

A compreensão da relação entre saúde/doença sob a perspectiva religiosa é fundamental para revelar a importância da benzeção como prática terapêutica e espiritual. A espiritualidade, nesse contexto, surge como uma forma alternativa de tratamento e uma busca por significado em um mundo que, muitas vezes, falha em oferecê-lo (CALDAS; ALVES; MENEZES, 2016).

2.2 BENZEÇÃO: DAS ORIGENS À ATUALIDADE

Ao abordar a intersecção entre religião e medicina popular, é crucial reconhecer as profundas influências da colonização na formação das práticas de benzeção. A riqueza cultural que hoje se manifesta nessas tradições é fruto de conexões e interconexões, onde saberes e crenças se entrelaçam. “Assim, com o passar dos anos, foram surgindo outras maneiras de expressão da fé, como por exemplo, o ato de benzer” (CUNHA; GONÇALVES, 2018, p. 33).

Dos povos indígenas, herdamos o conhecimento e a sabedoria valiosa das propriedades curativas das ervas, utilizadas como aliadas na busca pelo bem-estar. A contribuição africana se revela na expressividade dos rituais, com cânticos, danças e festeiros que celebram os santos com cores e alegria, marcando a religiosidade popular com sua vivacidade (CUNHA; GONÇALVES, 2018, p. 34).

A influência portuguesa, por sua vez, introduziu o catolicismo no Brasil. No entanto, é fundamental ressaltar que as rezas e benzeções não se configuram como uma mera junção das influências dos diferentes povos. Elas representam, sim, uma síntese original, onde cada cultura contribuiu com elementos que se fundiram e se transformaram, resultando em uma prática única e rica em significados (CUNHA; GONÇALVES, 2018, p. 34).

No Brasil Colônia, a ausência de profissionais do campo da saúde levou mulheres (mas não exclusivamente elas) confeccionadoras das propriedades de ervas medicinais a desenvolverem práticas que mesclavam orações, saberes empíricos sobre a natureza e o uso de plantas, com o objetivo de tratar enfermidades cotidianas e aliviar doenças no seio familiar (CUNHA, 2018). Del Priore salienta que as mulheres eram detentoras de uma grande sabedoria sobre doenças e a cura das mesmas. Segundo a autora

Somam-se outros fatores, como a extensão territorial da colônia, a falta de lucratividade da profissão, a péssima fiscalização do exercício profissional e do comércio das drogas medicinais, as lamentáveis condições sanitárias e hospitalares, e compreende-se por que mulheres detentoras de um saber-fazer autêntico sobre doenças e curas tomaram a frente nos tratamentos capazes de retirá-las e suas famílias das mãos da medicina que não se mostrava competente para curar mazelas e doenças de qualquer tipo (DEL PRIORE, 2001, p. 69).

De maneira similar ao período medieval, essas mulheres, ao desempenharem atividades que teoricamente pertenciam exclusivamente à medicina tradicional e ao clero, uma vez que a doença era interpretada como uma punição divina, passaram a ser alvo de perseguições sistemáticas por parte do poder eclesiástico e das autoridades médicas durante o período colonial (CUNHA, 2018).

Saúde e doença eram interpretadas como manifestações da vontade divina. Visto que, as práticas adotadas para o combate às enfermidades também tinham como fundamento a concepção religiosa. Neste contexto, as benzeções eram praticadas como rituais que integravam conhecimentos naturais, saberes empíricos e uma variedade de crenças religiosas (CUNHA, 2018). Del Priore afirma que

A concepção da doença como fruto de uma ação sobrenatural e a visão mágica do corpo as introduzia numa imensa constelação de saberes sobre a utilização de plantas, minerais e animais, com os quais fabricavam remédios que serviam aos cuidados terapêuticos que administravam. Além desses conhecimentos, havia os saberes vindos da África, baseados no emprego de talismãs, amuletos e fetiches, e as cerimônias de cura indígenas, apoiadas na intimidade com a flora medicinal brasileira (DEL PRIORE, 2001, p. 74-75).

Não se observa, por parte dessas mulheres, a intenção de desafiar ou igualar-se às autoridades médicas e eclesiásticas da época. Pelo contrário, a benzeção constituía um recurso imediato e eficaz no enfrentamento de doenças cotidianas, as quais proliferaram em virtude da escassez e da ineficácia da medicina tradicional na colônia (CUNHA, 2018).

É notável perceber a persistência e a resistência de algumas práticas tradicionais utilizadas na cura de doenças. A existência de rituais de benzedura, embora realizados de forma mais discreta, exemplifica essa continuidade. O gesto das mãos no ato de benzer em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo é um sinal de acolhimento para com a pessoa enferma e necessitada de atenção. Alguns

benzedores e algumas benzedoras, temendo serem perseguidos/as, não admitem que realizem a prática da benzedura, no entanto, mesmo negando-a, ela continua a existir, a ser realizada e a se reinventar (SILVA, 2014).

2.3 O ATO DA BENZEÇÃO: DEFINIÇÕES, TERMINOLOGIAS E SIGNIFICADOS

A palavra “benzer” tem origem no latim “*bene dicere*”, que se traduz como “dizer bem”, “abençoar” ou “falar positivamente”. Essa etimologia revela a essência da prática: expressar votos de bem-estar e proteção. É também o “ato de tomar bento”, estabelecendo uma relação entre o sobrenatural e a medicina popular, historicamente construída, consolidou uma tradição que perdurou ao longo do tempo, transmitida pela oralidade (DINIZ, 2018).

Elá incorporou elementos e recursos culturais próprios dos povos nos quais foi praticada, muitas vezes atribuindo importância ou centralizando objetos representativos de cosmovisões específicas, reconfiguradas conforme os contextos culturais. Na cultura da benzeção, o corpo e o espírito são inseparáveis, e, portanto, as doenças físicas são tratadas como manifestações de males espirituais (DEL PRIORE, 2001).

A benzedura caracteriza-se pela diversidade de práticas ritualísticas e pela personalização do atendimento. O toque, a escuta, o olhar e o acolhimento do benzedor configuram um cuidado singular, que reconhece a individualidade do sujeito e contribui para o seu bem-estar. Como tradição espiritual milenar, persiste através das gerações, carregando consigo uma visão de saúde e doença que abrange as profundezas da existência humana (CALDAS; ALVES; MENEZES, 2016). De acordo com Boff

Sem a espiritualidade o melhor, o mais profundo, o mais sagrado que existe no ser humano definiria e a luz santa que brilha no seu íntimo lentamente se consumiria até se apagar. A espiritualidade tem a força de sustar esse dramático desastre e fazer com que se mantenha viva a brasa sagrada de onde pode irromper o fogo, a luz e o calor que alimentam a vida (BOFF, 2014, p. 211).

A natureza humana, definida pelo ser-no-mundo e ser-com-os-outros, exige a constante consciência do ser para evitar a coisificação. A existência humana, portanto, se realiza na construção social, onde representações, tradições, crenças e símbolos

fornecem o arcabouço para a busca de sentido. Nesse contexto, tanto as doenças quanto os meios terapêuticos de cura, como a benzeção, são produtos dessa construção social e só podem ser compreendidas em sua dimensão coletiva (CALDAS; ALVES; MENEZES, 2016).

3 POMERÂNIA: ASPECTOS DA HISTÓRIA DO POVO TRADICIONAL POMERANO

Nesta seção, objetiva-se apontar para a história do povo tradicional pomerano em terras capixabas. Apresentem-se alguns dados históricos da antiga Pomerânia e do processo imigratório dos pomeranos e das pomeranas para o estado Espírito Santo. Esse povo de tradição luterana guarda e pratica a benzedura, como patrimônio imaterial religioso, especialmente, para a cura de doenças.

3.1 A DOR DA DESPEDIDA E A ESPERANÇA NA TERRA PROMETIDA: PROCESSOS MIGRATÓRIOS

O estado Espírito Santo abriga várias comunidades tradicionais, entre eles, os/as pomeranos/as. Os/as pomeranos/as são os descendentes de imigrantes europeus, vindos principalmente da Província Pomerana da Prússia, chegando ao Brasil no século XIX. A grande maioria desses imigrantes, encontram-se no Espírito Santo, que somam em torno de 160 mil descendentes (SEIBEL, 2016, p. 36). Segundo Tressmann, os/as pomeranos/as são um povo camponês originário da Pomerânia. “A antiga Pomerânia possuía aproximadamente 38.408 km² e era subdividida em Vorpommern (Pomerânia Ocidental ou Anterior) e Hinterpommern (Pomerânia Oriental ou Posterior)” (SILLER et al, 2019, p. 36), banhada pelo mar Báltico e situava-se entre as duas margens dos rios Vístula e Oder, estendendo-se até a Ilha de Rügen. O topônimo Pomerânia origina-se do eslavo antigo Pomorje, e significa “terra junto ao mar”, que se traduz por Pomerânia em latim e em inglês, Pommern ou Pommerland em alemão, e Pomorze em polonês (SILLER et al, 2019, p.35). Esta região se caracterizava por seu solo úmido, arenoso e fértil, irrigado por rios e lagos.

A região foi cristianizada no século XII, quando houve uma expansão do cristianismo. Em 1124, o duque polonês Boleslav III enviou o bispo Otto de Bamberg com a missão de evangelizar e estabelecer controle político sobre o povo pomerano. Durante a presença do bispo, iniciou-se a construção de igrejas, a realização de batismos e a

destruição de templos dedicados a outras divindades. A conversão dos pomeranos e das pomeranas ao cristianismo consolidou-se ainda no século XII (STRÖHER, 1988).

Em 1817, a Pomerânia tornou-se uma província da Prússia. Neste mesmo ano, durante as comemorações dos 300 anos do movimento da Reforma, o rei Frederico Guilherme III decretou a “união” das igrejas Reformada e Luterana (igrejas estas presentes na província). Essa fusão imposta gerou descontentamentos na esfera religiosa, com parte dos pastores e das comunidades resistindo à “Nova Agenda de Ofícios Religiosos” (RÖLKE, 2016).

Em 1839, iniciam os processos de imigração do povo pomerano. Em 1839, um grupo de 570 pessoas embarcaram no porto inglês de Liverpool, rumo aos Estados Unidos (RÖLKE, 2016). Os movimentos migratórios originados na Pomerânia, em 1839, não se restringiram aos Estados Unidos. Diversos grupos do povo pomerano, buscaram novos horizontes em países como Austrália, Canadá, Brasil, Chile, Guatemala e África do Sul. Rölke lembra que

a partir do ano de 1850, iniciou-se um período cada vez mais sem perspectivas para o pequeno homem do campo e os sem-terrás na Pomerânia. Eram dois os motivos que levaram a isto: a intensificação do uso cada vez mais “racional” do solo; o início da industrialização, com a invenção da máquina a vapor. (RÖLKE, 2016, p. 64)

No Brasil, o povo pomerano se estabeleceu em estados como Santa Catarina, Rio Grande do Sul, Minas Gerais, Espírito Santo, Paraná e Rondônia. Os primeiros imigrantes pomeranos chegaram ao estado do Espírito Santo em 28 de junho 1859, época anterior ao processo de unificação da Alemanha.¹ Em sua maioria, os/as imigrantes pomeranos/as eram provenientes da Pomerânia Oriental. A viagem iniciou no dia 27 de abril de 1859, no porto de Hamburgo a bordo do transatlântico Eleonore, incluiu uma parada na capital do Império, Rio de Janeiro, onde os imigrantes foram transferidos para a embarcação que os conduziu ao Espírito Santo (FRANCESCHETTO, 2014).

A viagem da Europa ao Brasil [...] foi árdua e sofrida; muitas das crianças não resistiram e tiveram que ser sepultadas no mar [...]. Tudo,

¹ Com a unificação da Alemanha, em 1871, a Pomerânia passou a integrar um dos Estados do Império Alemão, permanecendo nessa condição até 1945. Contudo, com o término da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a Pomerânia desapareceu do mapa europeu. Em virtude do Tratado de Potsdam, a Alemanha manteve a parte da Pomerânia Anterior, enquanto a Polônia assumiu a Pomerânia Posterior (STUR, 2018).

porém, valeria a pena desde que encontrassem finalmente a Terra prometida. Esta era a esperança, que infelizmente foi frustrada em parte quando se verificou que não manava leite e mel (GAEDE NETO, 1978, p. 3).

A maioria do povo pomerano que chegou no estado do Espírito Santo eram cristãos luteranos. Paralelamente, mantiveram vivas práticas religiosas, que se tornaram marcas de sua identidade, ou que se transformaram em costumes próprios ao longo das gerações (STRÖHER, 1988). Este grupo étnico possui língua e cultura distintas de outros povos germânicos. O povo pomerano é reconhecido como parte dos povos e comunidades tradicionais do Brasil, pelo Decreto Federal 6.040 de 07 de fevereiro de 2007 e pelo Decreto Estadual do Espírito Santo nº 3.248-R/2013.

3.2 RELIGIOSIDADE E ESPIRITUALIDADE POMERANA COMO MEIOS DE SOBREVIVÊNCIA E RESISTÊNCIA EM TERRAS CAPIXABAS

A fé, na nova terra, tornou-se um alicerce de sobrevivência e resistência. Mais do que um credo, era amparo em um contexto estranho. Unindo forças, os e as imigrantes ergueram uma comunidade religiosa resiliente, entrelaçando sonhos e realizações, enfrentando questionamentos e moldando sua identidade religiosa no novo lar.

Entrementes, a vastidão da natureza, outrora fonte de sustento, transformou-se em desafio implacável. Condições básicas de sobrevivência tornaram-se raridade, e as condições do local impuseram trajetos impossíveis. Para os/as pomeranos/as, a luta contra o tempo era constante, especialmente diante de enfermidades. O isolamento impedia o acesso rápido a socorro, e a morte, muitas vezes, encontrava-se em seus lares ou durante o caminho a um socorro especializado.

Mediante as inúmeras dificuldades e desafios das quais foram surgindo, a comunicação foi a mais intensa. “O pomerano é a língua da vida tradicional, das famílias e da agricultura” (DROOGERS, 1984, p. 29). No entanto, a barreira linguística imposta pela falta de domínio do português dificultou suas vidas em muitos sentidos.

No Espírito Santo, pomeranos e pomeranas “vivem numa situação trilíngue, o pomerano, o alemão e o português são falados por frações importantes desta população” (DROOGERS, 1984, p. 29).

Parece que o pomerano é uma língua da vida secular. Pois geralmente não se fala em casa sobre assuntos da fé. As orações se fazem

segundo textos decorados em alemão. Aliás, oração espontânea é rara ou ausente. Também não existem hinos em pomerano. A culpa é dada ao fato de que o pomerano não é uma língua escrita (DROOGERS, 1984, p. 29).

Muitos ritos, expressões de fé da religiosidade popular se transmitem de forma oral, sendo transmitidos e preservados por gerações que buscam manter viva a “intercessão pela cura dos males”, essencial para a sobrevivência em realidades desconhecidas. No entanto, a religião cristã institucional, por sua vez, passou a incorporar facetas preconceituosas em relação às práticas religiosas do povo pomerano. “Os pastores geralmente consideram uma contradição o fato de os pomeranos, por exemplo, irem de manhã ao culto e à tarde procurar os cuidados da benzedeira” (TRESSMANN, 2005, p. 117).

O rito de benzedura, por exemplo, era considerado pelas lideranças religiosas como um desvio da fé luterana. Como resultado, algumas pessoas membros começaram a se afastar dos encontros comunitários, das manifestações religiosas e dos atos de fé, preferindo buscar conforto nas palavras ditas em espaços privados, como uma tentativa de aliviar suas dores físicas e emocionais. Segundo Tressmann

Muitas vezes, as benzedeiras chegam a concordar com os ensinamentos dos pastores, contrários às benzeduras. Como afirmamos alhures, elas evitam conflitos diretos, fazendo que concordam, e agindo, ao final, como bem entendem. Costumam ouvir quietas, com cabeça baixa. Depois fazem o que querem, sem entrar em conflito. Deste modo, a proibição e o controle da magia exercido pela autoridade eclesiástica não impede a continuidade de tais práticas através das várias gerações de pomeranos. (TRESSMANN, 2005, p. 230).

As pessoas pomeranas cultivam sua fé de maneira pessoal, por meio de ritos realizados fora do Templo Sagrado, a “Igreja”. De acordo com Tressmann, a vivência da religiosidade fora do Templo, geralmente se realiza na sala de visitas

O local onde se realizam as "rezas" é de máxima importância: são executadas tradicionalmente na stuuw, sala de estar/de visitas..A sala de estar é um espaço especial dentro da casa pomerana. As paredes são comumente enfeitadas de quadros com fotografias preto e branco dos antepassados, de quadros representando imagens sagradas, como a 'Carta da Guarda' ou 'Carta de Proteção', Schutsbraif, 'Carta do Céu', Himelsbraif, 'Os dois Caminhos', certidão de batismo, de confirmação e de casamento, a Sagrada Família (Santa Maria, o menino Jesus e São José), Santa Luzia, São Jorge e outras mais, que fazem parte do universo mágico-religioso pomerano. É importante

mentionar que a fala-convite proferida pelo convidador de casamento acontece igualmente na sala de estar da família convidada. (TRESSMANN, 2025, p. 173-174)

Dessa forma, buscam, através de uma religião que acolhe na sala de estar, uma figura humana que possa interceder pelos seus medos e anseios. Isso se dá tanto por meio de orações quanto por práticas de medicina alternativa, utilizando ervas e plantas medicinais para ajudar o ser humano que procurou ajuda em seu processo de cura. A benzedura, geralmente, é realizada na língua pomerana, Droogers aponta para a importância deste fato.

Religiosidade se expressa, entre outros modos, por meio de línguas. O caráter da língua influencia a forma da expressão religiosa e, às vezes, também o conteúdo. Palavras perdem e ganham os seus significados no processo de tradução (DROOGERS, 1984, p. 29).

Para a religiosidade pomerana dentro do contexto da comunidade cristã, é fundamental estabelecer uma conexão entre os ritos culturais, frequentemente chamados de populares, com a religião luterana em seu contexto eclesiástico. O termo utilizado para definir essa interligação é “religiosidade popular”. Todavia, o mesmo, “pode causar estranheza, o uso do termo “religiosidade popular” no contexto das comunidades evangélicas luteranas” (DROOGERS, 1984, p. 7). Assim, a “religiosidade popular [...] é a vivência religiosa elaborada, no decorrer da história, por leigos, orientados por sua posição social [...]. Esta religiosidade possibilita um contato direto com o sagrado” (DROOGERS, 1984, p. 7).

O termo “religiosidade popular” é usado no contexto católico, para caracterizar as manifestações religiosas correntes entre o povo. Como no seio luterano não há santos, romarias e outras manifestações comuns ao catolicismo. O termo será aqui usado para definir a vivência da fé dos imigrantes à parte da igreja institucionalizada ou oficial (RÖLKE, 2016, p. 567).

A repetição, marca central dos rituais pomeranos, configura-se como tradição oral transmitida através das gerações. Essa prática gera segurança entre os e as participantes, estabelecendo e fortalecendo os laços sociais. Através dos ritos, os pomeranos e as pomeranas compartilham sentimentos e emoções, nutrindo a solidariedade e a conexão por meio da crença popular e da religiosidade.

3.3 A DIMENSÃO LITÚRGICA E SAGRADA DAS PALAVRAS

A palavra, seja ela proferida ou internalizada, é a base das orações ou rezas de cura. Ela canaliza pensamentos positivos, memórias e crenças, exercendo um poder curativo sobre aqueles e aquelas que, mesmo em fragilidade e inconscientemente, confiam na sabedoria ancestral dessas práticas. O “poder mágico”, por assim dizer, das práticas de cura, se manifesta na crença mútua entre praticante e receptor ou receptora, revelando a força da fé na experiência da cura (CUNHA; GONÇALVES, 2018).

Não há, pois, razão de duvidar da eficácia de certas práticas mágicas. Mas, vê-se, ao mesmo tempo, que a eficácia da magia implica na crença da magia, e que esta se apresenta sob três aspectos complementares: existe, inicialmente, a crença do feiticeiro na eficácia de suas técnicas; em seguida, a crença do doente que ele cura, ou da vítima que ele persegue, no poder do próprio feiticeiro; finalmente, a confiança e as exigências da opinião coletiva, que formam à cada instante uma espécie de campo de gravitação no seio do qual se definem e se situam as relações entre o feiticeiro e aqueles que ele enfeitiça (LÉVI-STRAUSS, 1975, p. 194).

As palavras, para as pessoas que benzem, são pontes que conectam o mundo terreno ao transcendente, permitindo a comunicação com o Divino. É nessa interação dialógica, nesse diálogo entre fé e cura, que reside a essência da prática da benzeção. “Toda palavra comporta *duas faces*. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém, como pelo fato que se dirige *para* alguém. Ela constitui justamente o *produto de interação do locutor e do ouvinte*” (BAKHTIN, 1997, p. 107).

É importante notar que as benzedeiras² e os benzedeiros conduzem suas orações em um tom de voz baixo, beirando o inaudível, como um sussurro, complementado por gestos, ervas, água, terços e um rico repertório de símbolos. A maioria utiliza plantas de seu próprio jardim e, ao concluir o ritual, indica práticas como acender velas, preparar chás ou tomar banhos de ervas. Essa abordagem ritualística, em particular como as palavras são articuladas, revela a profunda ligação entre a benzedeira e o sagrado (CUNHA; GONÇALVES, 2018).

Na comunidade pomerana, especificamente, as mulheres desempenham um papel fundamental, pois elas se dedicam à preservação da tradição/memória e a transmissão da língua pomerana.(TRESSMANN, 2005). São elas as responsáveis

² A grande maioria é benzedeira.

pela transmissão das línguas sagradas (alemão e pomerano), do conhecimento das orações e das práticas mágicas (benzeções) (BAHIA, 2000). Contudo,

Pocos hombres adquieren la función de bendecidor. En general, este conocimiento es transmitido por las madres y abuelas a las mujeres de la familia que tengan interés en la adivinación, en la cura y en el aprendizaje acerca del poder medicinal de las plantas (BAHIA, 2003, p. 134-140).³

As mulheres possuem um conhecimento maior das plantas medicinais. Muitas mulheres exercem a agricultura orgânica (ULRICH, 2021). Desse modo, as enfermidades curadas são compreendidas como desequilíbrios que transcendem a esfera física, intrinsecamente ligados a dimensões sociais, psicológicas e espirituais, impactando profundamente o cotidiano individual. A reza, nesse sentido, emerge como um instrumento terapêutico fundamental para as benzedeiras e os benzedeiros, manifestando-se como a força da palavra, que, ao ser proferida, dissipar naturalmente o mal (CALHEIROS, 2017). A benzedura inclui diálogo, escuta, toque de mãos, acolhimento no lugar mais importante da casa pomerana, a sala de estar.

4 A ARTE DA BENZEÇÃO EM POVOS E COMUNIDADES TRADICIONAIS NO BRASIL: POMERANOS E POMERANAS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

Apresentamos alguns ritos, onde a benzeção se faz presente e é importante para o povo pomerano: casamento, batismo, situações de doença. Os rituais envolvem cultura e práticas religiosas, afirmindo a identidade do povo tradicional pomerano em terras do estado do Espírito Santo.

4.1 CASAMENTO POMERANO: TRADIÇÃO, FESTA, RITO E BÊNÇAO

A tradição em torno do casamento pomerano se destaca como uma das celebrações mais simbólicas da comunidade, expressando ritos e tradições únicos. Sem dúvida, é um dos momentos mais importantes para romper a rotina do cotidiano e fortalecer os laços comunitários. No entanto, se torna impossível não mencionar a festa de casamento, evento este tipicamente pomerano (TRESSMANN, 2005).

³ Poucos homens adquirem a função de benzedor. Em geral, este conhecimento é transmitido pelas mães e avós às mulheres da família que tenham interesse na adivinhação, na cura e na aprendizagem acerca do poder medicinal das plantas (BAHIA, 2003, p. 134-140).

Essa festa é a maior e mais característica, refletindo a identidade cultural do povo. Diferentemente de outras cerimônias religiosas, o ritual do casamento pomerano se destaca pela autonomia, com a Igreja, representada pelo pastor ou pela pastora, desempenhando um papel limitado. O mesmo é, na maior parte, prolongado por pessoas leigas, possuindo um forte caráter secular, evidenciando sua importância dentro da cultura (DROOGERS, 1984).

Em geral, os casamentos são celebrações festivas que reúnem um grande número de pessoas convidadas, refletindo a importância desse rito para a identidade da comunidade. No entanto, a dimensão do evento varia conforme as condições financeiras das famílias envolvidas. Além disso, elementos externos influenciam cada vez mais a tradição, substituindo gradualmente algumas expressões culturais. Essa transformação ocorre de forma particular em cada família, dependendo do grau de preservação da cultura pomerana ao longo das gerações.

Os preparativos para o casamento pomerano, como em outras tradições, começam com o planejamento familiar. Em seguida, um familiar da noiva, geralmente solteiro, assume o papel de oficializar os convites, visitando as casas das pessoas para convidá-las a celebrar o matrimônio. Os convites são feitos em versos, que contêm as informações essenciais sobre a cerimônia, como data, local e horário (STUR, 2018, p. 133).

O *hochtijdsbirer* – o convidador para a festa de casamento –, geralmente um irmão da noiva ou do noivo, assume a função de visitar todas as famílias convidadas para o casamento. Ele, antigamente, saía a cavalo; hoje em dia vai de moto devidamente enfeitada com guirlanda de cipreste e fitas coloridas. Ele próprio usa um chapéu enfeitado com fitas e também tem fitas coloridas presas na camisa e lenços presos nas costas. Há alguns anos, ainda era costume da família convidada prender um lenço nas costas do convidador como resposta positiva ao convite. Ele traz, ainda, uma garrafa de cachaça e um copo, igualmente enfeitados com cipreste e fitas coloridas (WEBER, 1998, p. 88).

Como em todas as celebrações, o casamento pomerano exige a preparação dos ambientes para receber os convidados e as convidadas. Essa festa, no entanto, destaca-se como uma tradição e manifestação de mutirão, envolvendo famílias, vizinhos e membros da comunidade local (STRÖHER, 1988). “A preparação da festa

durava semanas e acontecia preferencialmente após o tempo da colheita" (STUR, 2018, p. 135).

O casamento pomerano não deixou de ser uma festa preparada coletivamente, semanas antes do dia marcado. Uma vez definidos a data, o local da festa (predominando a casa da noiva), a lista dos convidados, logo se inicia a corrida por pessoas para auxiliar nos preparativos. Pessoas amigas e parentes são envolvidas para assumirem gratuitamente esses serviços (WEBER, 1998, p. 86).

Após um dia intenso de preparativos na sexta-feira, véspera do casamento, a família e as pessoas convidadas se reúnem para um momento de confraternização. Seguindo tradições ancestrais, é servido um jantar com miúdos de galinha e raízes como mandioca, um costume que reaproveita os ingredientes utilizados no preparo das carnes para o dia seguinte. "A galinha tem a simbologia de anunciar ou alertar os noivos da aproximação de perigos ou "coisas ruins" que podem acontecer" (STUR, 2018, p. 133).

Com o momento de confraternização, as famílias se reúnem em círculo para o ritual da "quebra-louças", um momento tradicional que prepara os noivos para o casamento. "Somente as louças de porcelana e/ou cerâmica são quebradas neste dia, a fim de trazer sorte e bênção aos noivos na vida matrimonial. Segundo a crença pomerana, o vidro não pode ser quebrado, porque traria azar ao casamento" (STUR, 2018, p. 133).

Essa tradição, que antecede ao dia do casamento, é nomeada "pulteråwend" ou "baile do quebra-louças", festejado pelas pessoas envolvidas na preparação da festa e por algumas convidadas (TRESSMANN, 2005).

Nesta noite, especificamente, além de serem servidos a tradicional sopa de pé de galinha, ocorre todo um ritual (WEBER, 1998).

[...] uma senhora de idade ligada à família da noiva enche o seu avental de louça velha e diante do casal de noivos faz votos de felicidades aos dois, e, em seguida atira toda louça no chão espatifando-a [...] Em cima dos cacos de louça começa o baile. Enquanto todos dançam, os noivos tentam varrer a louça para fora do salão (JACOB, 1992, p. 41).

O momento em que são proferidas palavras aos noivos exige uma observação atenta da manifestação da benzedura, característica da festividade popular deste povo de tradição pomerana. Tressmann afirma que

A tarefa de enunciar a fala do quebra-louças é feminina, mas não é qualquer mulher que está habilitada para assumir esta função. As mulheres que realizam o quebra-louças e os rituais de cura são casadas, já têm filhos ou até netos, e têm o reconhecimento da comunidade por melhor conhecerem as tradições dos antigos. Há mulheres que assumem as duas funções, a de benzedeira e a de oficiante do ritual nupcial. (TRESSMANN, 2005, p. 173.)

Destaca-se a presença de uma mulher mais idosa, detentora do saber oral, que transmite não apenas conselhos e orientações ao jovem casal em celebração à sua união, mas também profere palavras de bênção direcionadas à vida do casal.

Segundo Ulrich

No entanto, fora do espaço oficial, são também realizados rituais como o quebra-louças que objetiva espantar “os maus espíritos” na vida dos noivos. As crenças e os rituais tradicionais do Povo Pomerano foram mantidos através da memória oral, ressignificados e continuam presentes na sua vida espiritual. Há uma ressignificação do ritual, mas a feitura dele, realizado na língua pomerana, fortalece a identidade deste povo. (ULRICH, 2021, p. 3)

No entanto, é importante destacar a ressignificação desta tradição, pois ela fortalece a identidade e a espiritualidade vivenciada de uma parcela da população de imigrantes pomeranos que preservam traços culturais valiosos. No Brasil, esses imigrantes precisaram desenvolver técnicas, habilidades e rituais para manter vivas as tradições orais, as quais, como exemplificado no casamento, se manifestam de forma visível em uma sociedade cultural, servindo como uma linguagem de comunicação de manifestações religiosas e culturais.

Quando o casal se reúne com familiares e amigos em um círculo, é possível observar a manifestação de um ritual que simboliza não apenas a expressão de fé e espiritualidade, mas também o momento de bênção, conhecido como “benzeção”. As palavras ditas têm a intenção de orientar e acompanhar o jovem casal que está começando sua vida matrimonial. O momento, celebrado pela comunidade, também pode ser visto como uma bênção (benzeção), em que o rito em círculo serve para gerar vibrações de energias positivas, acompanhadas de gritos, visando afastar as energias negativas e prejudiciais à vida do casal.

Após as palavras serem proferidas em forma de versos e significados, louças de porcelana são lançadas ao chão, quebrando-se em pedaços com o propósito de

destruir o que possa ser negativo ou prejudicial à vida do jovem casal. Em seguida, os noivos são conduzidos por uma música instrumental no ritmo de forró, dançando sobre os estilhaços de porcelana espalhados pelo chão. Após essa dança, eles são convidados a recolher os fragmentos como casal e guardá-los em uma caixa ou recipiente. Este gesto simboliza que, ao construir seu lar, a base da casa deve conter esses estilhaços, como um amuleto que acompanhará o casal em sua jornada. Espera-se que, assim, a vida do jovem casal seja guiada por energias positivas, com as energias negativas afastadas durante o ritual do quebra-louças, ficando guardadas no amuleto que permanecerá com o casal.

4.2 BATISMO: ENTRE SACRAMENTO E RITO DE PASSAGEM

As crenças e superstições já se manifestavam desde o período da gestação. Antes do nascimento da criança, havia o medo do “mau olhado”, de feitiçarias e de simpatias de pessoas mal intencionadas que poderiam afetar o desenvolvimento do bebê. Pais e mães, como também, os demais familiares, estavam preocupados e preocupadas com a possibilidade de a criança nascer com “espinhela caída”, doenças incuráveis, sardas ou que viesse a falecer poucas horas após o nascimento (RÖLKE, 2016).

Para o povo pomerano, o batismo transcende um mero ritual, sendo um “rito de passagem” de profunda importância, realizado nos primeiros meses de vida da criança. Acreditam que este sacramento sela a proteção e a bênção divina sobre a criança recém-nascida, assegurando-lhe um futuro próspero e seguro. Marcando assim, o fim de um período de apreensão e superstição, proporcionando paz e tranquilidade (STUR, 2018).

No dia do batismo, padrinhos presentearam seus afilhados com a “carta do/a padrinho/madrinha”, chamada Pätzettel. Dentro do envelope desta carta, ou lembrança do batismo, colocavam-se objetos que trariam sorte para a criança. Assim, era comum colocar grãos de feijão, de milho, café e outras sementes, para que o afilhado tivesse sorte no plantio e na colheita. A crina de cavalo deveria assegurar sorte no trato com cavalos. Um pouco de terra deveria assegurar sorte para aquisição de terra própria. A pena de galinha deveria assegurar sorte na criação destas. A pena de ganso era o símbolo para conforto e proteção, pois as penas de ganso eram usadas para a confecção dos “penões”, um tipo de edredom de penas. Agulha e linha asseguravam à afilhada ser uma costureira, quando adulta. Dinheiro deveria assegurar riqueza. Enfim, todos os objetos deveriam assegurar sorte no futuro dos afilhados (RÖLKE, 2016, p. 574).

A igreja, especificamente a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), procura constantemente estar ao lado de seus membros e fazendo com que a mensagem do Evangelho continue chegando a todas as pessoas e seus familiares. Diante desses novos e “incertos” tempos vivenciados de mudanças em vários aspectos, e um deles, o aspecto comunitário, religioso e de práticas que permeiam gerações, diariamente, é nos colocado o desafio de um novo modo de ser e de viver em comunidade, principalmente, em momentos onde é celebrada a diversidade cultural de grupos e comunidades de povos tradicionais como os pomeranos e pomeranas. O momento litúrgico que celebra o momento do batismo com a presença da comunidade, para a família não simboliza apenas a ação do Espírito Santo, mas também uma gratificação cultural voltada para mitos, crenças e superstições em relação à vida da criança batizada.

“O ser humano é fundamentalmente corpo. Corpo vivo, e não um cadáver, uma realidade bio-psico-energético-cultural dotada de um sistema perceptivo, cognitivo, afetivo, valorativo, informacional e espiritual” (BOFF, 2013, p. 158). Quando falamos do corpo humano, precisamos levar em consideração muitos aspectos que envolvem a matéria corpo, ser humano e assim tudo que o acompanha. Um corpo com vida que participa dos ecossistemas biológico, cultural, social e emocional. E, quando conseguirmos visualizar tudo isso dentro e fora de um corpo humano, conseguiremos compreender melhor o significado da existência humana que está ligada diretamente a muitos elementos e formas, não apenas a forma física e biológica do corpo vivo que nos torna seres existentes.

Para a IECLB (Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil), o batismo é um sacramento que, por meio do qual Deus concede a sua graça. Assim, a igreja luterana reconhece dois sacramentos, que são o batismo e a santa ceia. Ambos são instituídos como mandamento divino.

O Batismo requer uma resposta bem pessoal. O batismo nos convida para crescer na fé, para nos aprofundarmos na fé. E isso acontece em diferentes lugares e de diferentes maneiras. Através do Batismo os seres humanos são inseridos no Mistério Pascal de Cristo: mortos com ele, com ele sepultados e ressuscitados, recebem o Espírito de filhos adotivos, que os faz exclamar: “Aba, Pai” (GOEDERT, 1987).

Devemos também considerar que não se consegue a compreensão do significado do batismo apenas a partir da transmissão de conceitos básicos. Devemos considerar principalmente temas relacionados com o batismo, como, por exemplo, o amor, o perdão, o pecado, a inclusão, renovação. Podemos com isso afirmar que o batismo é o amor incondicional de Deus por cada pessoa.

O que legitima o batismo de “todas as nações” (“todos os povos”), inclusive as crianças, são textos bíblicos como: “pela graça sois salvos, mediante a fé; e isto não vem de vós; é dom de Deus” (Ef 2.8). O batismo é ação de Deus. E Deus não age de acordo com a capacidade ou méritos de cada pessoa e nem de acordo com outras pré-condições. Deus age segundo a sua graça, segundo o seu amor. O batismo não é um ponto de chegada, mas um ponto de partida. Marca o início de uma vivência cristã sob a graça de Deus. “Quem crer e for batizado será salvo” (Mc 16.16). É por meio da fé que as pessoas batizadas percebem e recebem o que Deus lhes oferece em Cristo no batismo.

Por outro lado, no batismo as pessoas são integradas no sacerdócio geral de todas as pessoas que crêem (1 Pe 2.9). A comunidade, pais, mães, padrinhos e madrinhas assumem a responsabilidade de preparar as pessoas batizadas para o sacerdócio de todos os crentes, onde deixamos de ser “massa passiva consumidora” dos bens religiosos e passamos a ser agentes, participantes ativos da missão de Deus no mundo.

4.3 ENFERMIDADES DO ‘CORPO E DA ALMA’: A BENZEÇÃO COMO ALTERNATIVA TERAPÊUTICA DOS POMERANOS E DAS POMERANAS NO PROCESSO DE CURA

Antes da cristianização da Pomerânia, por volta de 1200, pomeranos e pomeranas cultivavam uma rica religiosidade, centrada na crença em deuses e espíritos. Essas entidades, presentes nos céus e na terra, eram vistas como fontes de bênçãos e prosperidade, mas também de castigos e doenças. Acreditava-se que os espíritos habitavam todos os elementos da natureza, do ar às árvores, permeando o mundo dos antigos pomeranos (STUR, 2018, p. 137).

Com o início da cristianização (conversão à fé cristã), os pomeranos passaram a atribuir a responsabilidade pelas doenças e pragas ao “diabo”, visto como a fonte de

toda a maldade no mundo, enquanto as bênçãos e dádivas eram entendidas como provenientes do Deus Triuno — Pai, Filho e Espírito Santo. Apesar disso, pomeranos e pomeranas preservaram certas crenças e superstições, adaptando-as ao contexto da doutrina cristã (STUR, 2018, p. 137).

Há termos que designam o ato de benzer (**Bispreeka**), a benzedeira (**bispreekar**- aquela que faz o bem, que benze contra os males da bruxaria), benzedura (**bispreekarich**), as variedades de doenças (**vorbrooka** = espinhela caída), mau olhado (**slechtouchan**) e bruxa (**botarheks** = borboleta noturna ou bruxa). A existência dos termos na referida língua mostra a importância que a magia possui nas transições sociais mostradas nos principais ritos de passagem do grupo (BAHIA, 2000, p. 175).

Cristo é a Palavra de Deus que vem a nós por meio da Escritura (KIRST, 1985). A verdadeira Palavra é aquela que promove a Cristo (BAYER, 2007). Toda a interpretação da Escritura precisa ser perpassada pela cruz de Cristo. É dela que nasce essa relação entre Deus e as pessoas, tornando-se palavra viva. Seguindo esse pensamento, podemos observar que a benzedura também é uma ação de imposição de mãos e pensamentos que são guiados também pela ação do Espírito Santo, onde a palavra de Deus está a se manifestar no ato diaconal quando nos compadecemos com a dor de uma pessoa em busca de melhora física do corpo, e bem-estar emocional.

O povo tradicional pomerano faz uso da ação de intervir em favor do seu próximo através da benzedura, de oração, partilha e ações terapêuticas que auxiliam seres humanos em busca de refúgio. Com isso, a tradição oral da benzedura, que permeia orações e toques de mãos com o sinal da cruz, do Cristo crucificado, é também uma maneira de compreender, que o filho de Deus, se fez carne, teve enfermidades e buscou por refúgio para a mente e para o espírito.

“Rituais de perdão e reconciliação são essenciais: são canais de cura para vidas destroçadas, para comunidades divididas, para povos fustigados e para a natureza violentada” (SCHAPER, 2021, p.10). O ser humano criado por Deus necessita de cuidados, cuidar de si e dos outros, uma relação de cuidado mútuo. Somos pessoas necessitadas de cuidado e solidariedade.

O artigo 7 da Confissão de Augsburgo apresenta três importantes afirmações em relação à Igreja: ela existirá e permanecerá para sempre; a igreja é uma congregação

de crentes; para sua unidade, basta que haja acordo quanto ao evangelho e os sacramentos (GASSMANN; HENDRIX, 2002). Com isso entendemos que, no ritual de benzedura, o povo pomerano, com sua fé em Jesus Cristo, também vivencia essa prática, como ação de cuidado, vivência pessoal, coletiva e comunitária, afirmado o reconhecimento identitário como povo tradicional, afirmado a sua identidade cultural e religiosa própria.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A força da benzedura e das pessoas que praticam a benzeção vem de uma tradição muito antiga, construída com a força e o mistério de homens e mulheres. Essa tradição conseguiu sobreviver ao tempo, aos ritos oficiais e à ciência moderna, mostrando que sua sabedoria é valiosa. Ademais, a permanência e o interesse contemporâneo pela benzeção evidenciam que a ciência e a modernidade, embora importantes, não satisfazem plenamente a condição humana. O ser humano busca, ainda, outras formas de encontrar significado para sua existência.

Contudo, a benzeção configura-se como uma prática terapêutica contemporânea que concebe o ser humano em sua totalidade e singularidade, opondo-se à fragmentação característica do mundo moderno e promovendo a restauração da humanidade e da consciência histórica. As palavras sagradas proferidas pelas benzedeiras e pelos benzedeiros, imbuídas de poder durante a benzeção, mobilizam elementos como fé, crença, imaginário simbólico e contexto cultural. A benzeção, portanto, configura-se como uma prática que ressignifica doenças, transcendendo seu âmbito cultural e adquirindo relevância social e política.

A prática da benzeção entre os pomeranos capixabas reflete a resistência e a adaptação das tradições culturais ao longo do tempo. Embora seja, muitas vezes confrontada, essa prática de certa forma com atribuição terapêutica continua a ocupar um papel significativo no cotidiano da comunidade, tornando visível a necessidade da busca de sentido, acolhimento e espiritualidade, permeando o tempo e assim as transformações sociais.

No decorrer desta pesquisa, sugere-se que a benzeção não é apenas uma memória do passado, mas uma expressão viva da identidade pomerana, que caminha pelas

vias da fé e do vínculo comunitário, vai além de uma manifestação religiosa, assumindo assim, uma responsabilidade de caráter social e terapêutico. Por isso, a necessidade de reafirmar a importância do registro e valorização desses saberes, garantindo sua continuidade para as gerações futuras.

Dessa forma, essa contribuição fica como reconhecimento da benzeção como um patrimônio cultural imaterial religioso, valorizando seu papel de acolhimento, na construção da identidade coletiva do povo tradicional pomerano em terras capixabas. O ato de benzer, em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo, também está ligado com os saberes que envolvem as plantas medicinais e as mãos como elementos de cura e proteção.

REFERÊNCIAS

- BAHIA, Joana. El peso de las palabras: la importancia de la em la construcción narrativa mágica de la identidad étnica y social de los pomeranos. **La ventana: revista de estudios de género**. Guadalajara, v.18, n.18, p.134-168, 2003. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=88401807>>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- BAHIA, Joana. Práticas mágicas e bruxaria entre Pomeranas. **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v.2, n.2, p.153-176, 2000. Disponível em: <<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/csr/article/view/8669417/28719>>. Acesso em: 18 fev. 2025.
- BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**: problemas fundamentais do método sociológico da linguagem. São Paulo: HUCITEC, 1997.
- BAYER, Oswald. **A teologia de Martim Lutero**: uma atualização. São Leopoldo: Sinodal, 2007.
- BOFF, Leonardo. **A grande transformação**: na economia, na política e na ecologia. Petrópolis, Vozes, 2014.
- BOFF, Leonardo. **O cuidado necessário**: na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Presidência da República: Brasília, 2007.
- CALDAS, Marcus Túlio; ALVES, Maria Jeane dos Santos; MENEZES, Anderson de Alencar. Benzeção e busca de sentido: uma reflexão a partir das práticas das benzedeiras. **Cultura Teológica**. São Paulo, n. 87, p. 161-177, jan./jun. 2016. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/culturateo/article/view/rct.i87.28558/20045>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CALHEIROS, Karla Rachel Jarsen de Melo. A CURA ATRAVÉS DA FÉ: Um olhar sobre as benzedeiras/rezadeiras alagoanas. Universidade Federal de Alagoas. **IX Mestres e Conselheiros Agentes Multiplicadores do Patrimônio Belo Horizonte/MG**, 2017. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/forumpatrimo/article/view/34063/27194> >. Acesso em: 18 fev. 2025.

CUNHA, Celina Gontijo. **A prática da benzedeira**: memória e tradição oral em terras mineiras. 2018. 169 p. Dissertação (Mestrado em Letras) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2018. Disponível em: <<https://www.repositorio.ufop.br/server/api/core/bitstreams/88d38a9e-b620-4334-81dd-5c48a94c6c1c/content>>. Acesso em: 10 fev. 2025.

CUNHA, Gontijo Celina; GONÇALVES, Clézio Roberto. A tradição oral das práticas da benzeção. **Revista da Associação Brasileira de Pesquisadores/as Negros/as**. Curitiba, v. 10, p. 30-42, jan. 2018. Disponível em: <<https://abpnrevista.org.br/site/article/view/528/406>>. Acesso em: 12 fev. 2025.

DEL PRIORE, Mary; BASSANEZI, Carla. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2001.

DINIZ, Ericka Ellen Cardoso Da Silva. A arte de curar: saberes e práticas de rezadeiras e benzedeiras no cuidar da saúde. **Anais V CONEDU**. Campina Grande; Realize Editora, 2018. Disponível em: <https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2018/TRABALHO_EV117_MD1_S_A6_ID8014_17092018225050.pdf>. Acesso em: 15 fev. 2025.

DROOGERS, André. **Religiosidade popular luterana**. São Leopoldo: Sinodal, 1984.

FRANCESCHETTO, Cilmor. **Imigrantes Espírito Santo**: base de dados da imigração estrangeira no Espírito Santo nos séculos XIX e XX. Organizado por Agostino Lazzaro. Vitória: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2014.

GAEDE NETO, Rodolfo. **Os pomeranos no Estado do Espírito Santo**: seu passado, sua situação atual, um desafio para a Igreja. São Leopoldo, 1978.

GASSMANN, Günther; HENDRIX, Scott. **As confissões luteranas**: introdução. São Leopoldo: Sinodal, Escola Superior de Teologia, 2002.

GOEDERT, Valter Maurício. **Teologia do Batismo**: considerações teológicas-pastorais sobre o batismo. São Paulo: Paulinas, 1987.

GOMES, Núbia Pereira de Magalhães; PEREIRA, Edmilson de Almeida. **Assim se benze em Minas Gerais**. Juiz de Fora: EDUFJ/Mazza Edições, 1989.. Disponível em:<https://dirzon.com/file/telegram/ebook_afro/Assim%20se%20Benze%20em%20Minas%20Gerais%20N%C3%BAbia%20Pereira.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

JACOB, Jorge Kuster. **A imigração e aspectos da cultura pomerana no Espírito Santo**. Vitória: Departamento Estadual de Cultura, 1992.

KIRST, Nelson. **Rudimentos de homilética**. Sinodal/Paulinas: São Leopoldo/São Paulo, 1985.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Templo Brasileiro, 1975.

RÖLKE, Helmar R. **Raízes da imigração alemã**: história e cultura alemã no Estado do Espírito Santo. Vitória, ES: Arquivo Público do Estado do Espírito Santo, 2016.

SCHAPER, Valério Guilherme. Reconciliar o mundo: aportes da teologia da reconciliação para a gestão de conflitos. In: FEDERAÇÃO LUTERANA DE DIACONIA. **Benditas as Pessoas Pacificadoras**: habilidades de mediação e reconciliação para a Igreja. Genebra: Federação Luterana Mundial. 2021, p. 7-21. Disponível em: <https://lutheranworld.org/sites/default/files/2022-10/2021_ogs_lac_peacekeepers_pt.pdf>. Acesso em: 20 fev. 2025.

SILLER, Rosali Rauta; PLASTER, Josiane Arnholz; ULRICH, Claudete Beise; FOERSTE, Gerda Margit Schütz; FOERSTE, Erineu; TRESSMANN, Ismael. **Mulheres Pomeranas**: vozes silenciadas. São Carlos: Pedro&Paulo, 2019.

SILVA, Giselda Shirley da. **O significado cultural das benzeções em uma comunidade remanescente de quilombo (MG)**. XII Encontro Nacional de História Oral: Política, Ética e Conhecimento, Teresina, p. 1-22, 2014. Disponível em: <https://www.encontro2014.historiaoral.org.br/resources/anais/8/1398901127_ARQUIVO_ARTIGOTEREZINA2.pdf>. Acesso em: 10 fev. 2025.

STRÖHER, Marga Janete. **Trajetória histórica dos pomeranos do Espírito Santo**. São Leopoldo, 1988. 69 p.

STUR, Carlos Rominik. **Pomeranos**: os primórdios da colonização e a importância da religiosidade na formação da cultura pomerana no Espírito Santo e Minas Gerais. Vitória, ES: Gráfica e Editora GSA, 2018. 378 p.

TRESSMANN, Ismael. **Da sala de estar à de baile: estudo etnolinguístico de comunidades camponesas pomeranas do estado do Espírito Santo**. Tese de doutorado. Rio de Janeiro: Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

ULRICH, Claudete Beise. Mulheres pomeranas: guardiãs da cultura e do cuidado amoroso da terra. **Seminário Internacional Fazendo Gênero 12 (Anais Eletrônicos)**, Florianópolis, 2021, p.1-8. [Online]

WEBER, Gerlinde Merklein. **A escolarização entre descendentes pomeranos em Domingos Martins**. Vitória: Universidade Federal do Espírito Santo, 1998. 315 p.